

# Emulação e Progresso

Patrícia Fontoura Aranovich •

## **Resumo**

Este texto parte da leitura de *Ilustração e História, o pensamento sobre a história no iluminismo francês*, de Maria das Graças de Souza, e busca construir um diálogo entre os tempos ao refletir sobre possíveis pontos de aproximação entre a ideia de progresso, que marca as Luzes, e as de imitação e emulação, envoltas em uma relação tensa no Renascimento. Apesar das evidentes distâncias entre seus contextos e sentidos (im)precisos, as perspectivas de avanço e superação nelas contidas nos suscita o interesse dessa investigação. É então proposto um retorno a um tempo em que não existe a ideia de progresso, mas nem por isso é estranho aos mesmos debates e questionamentos relativos a ele. Trata-se, pois, de refletir sobre como, no renascimento, se pode pensar a tradição e qual seu lugar na construção do mundo e dos saberes.

## **Palavras-chave**

Progresso, Luzes, Renascimento, Imitação, Emulação.

## **Riassunto**

Questo scritto nasce della lettura dall'opera *Ilustração e História, o pensamento sobre a história no iluminismo francês*, di Maria das Graças de Souza, e cerca di costruire un dialogo tra i tempi, al fine de riflettere sui possibili relazioni tra l'idea di progresso, che segna l'Illuminismo, e quelle d'imitazione ed emulazione, involte in un rapporto teso nel Rinascimento. Nonostante le evidenti distanze tra loro contesti e significati (im)precisi, le prospettive di avanzamento e il superamento ivi contenute ci suscita l'interesse per questa ricerca. Viene quindi proposto un ritorno ad un momento nel quale l'idea di progresso non esiste, ma chi non è strano agli stessi dibattiti e questioni relative ad esso. Ho cercato, quindi,

---

• Professora Adjunta da Universidade Federal de São Paulo.

di riflettere alla maniera che, nel Rinascimento, si può pensare la tradizione e il suo posto nella costruzione del mondo e dei saperi.

***Parole chiave***

Progresso, Illuminismo, Rinascimento, imitazione, emulação.

O Progresso é o movimento para frente. Seu sentido de avanço implica o julgamento do que vem antes em relação ao que o sucede, que está ligado ao que é conhecido como a querela entre os antigos e modernos, na qual a competição entre eles está permanentemente posta. O que se coloca como questão é se os modernos, em todos os tempos<sup>1</sup>, estão ou podem estar em uma relação de inferioridade ou superioridade com os antigos, entendidos como aqueles que o precederam. No entanto, essa superioridade ou inferioridade, por si só, é insuficiente para circunscrever o problema. É possível a avaliação da superioridade de um homem em relação a outro ou a outros, de um povo em relação aos outros, de um povo em relação a si mesmo no movimento do tempo ou da humanidade em relação a seu passado. Também se pode pensar no avanço nos saberes, nas artes e nas ciências, assim como em um avanço político e social, coisas que não são necessariamente concomitantes ou mesmo convergentes. E, como mostra Maria das Graças de Souza, mesmo nas Luzes, o progresso ou o avanço não tem o mesmo significado e sentido para todos os autores.

Portanto, o tema se multiplica a um ponto que, para tentarmos um encontro com as ideias de imitação e emulação, é necessário circunscrever suficientemente um campo deste avanço para que esse encontro faça algum sentido.

Os modernos se medem aos antigos na comparação ou no julgamento de seus feitos e obras e isto guia a maneira como lidam com a tradição: afastando-a, seguindo-a ou buscando superá-la. Estes dois últimos modos, seguir ou superar, preponderam no Renascimento e ambos, imitação e emulação, são modos de aprendizado e criação que não se confundem com a cópia. Dirá Fumaroli, comentando Pietro Bembo, que “longe de ser uma escravidão, a imitação é a própria essência da liberdade artística; ao inseri-lo

---

<sup>1</sup> Curtius faz a querela retroceder ao sec. I d.C e a considera um fenômeno constante da história e da sociologia literárias. Cf. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo, Hucitec: Edusp, 1996, p. 317.

em uma tradição, ela preserva o artista do determinismo cego de sua própria subjetividade”<sup>2</sup>.

Mesmo sem supor a superação, a imitação é uma das faces do diálogo com os antigos que não necessariamente supõe a inferioridade, mas declara sua intenção de se fundir com os antigos e aqueles considerados dignos de serem imitados. Petrarca tem uma formulação de imitação que transcende a noção de aprendizado e conhecimento. Ele conta:

li apenas uma vez Ênio, Plauto, Felice Capella, Apuléio e os li às pressas, neles parando como em território alheio. Assim percorrendo, vi muitas coisas, poucas anotei, pouquíssimas retive e, como posse comum as deposei em local aberto, assim como no átrio da memória; por isso, cada vez que me acontece de ouvi-las ou referi-las, logo me ocorre que não eram minhas e recorro de quem eram; pertencem a outros e eu as possuo como alheias. Li Virgílio, Horácio, Boécio, Cícero não uma vez, mas mil, nem os percorri, mas meditei e estudei com grande cuidado; devorei-os de manhã para digeri-los à noite, os engoli quando jovem para ruminá-los quando velho, e eles entraram em mim com tanta familiaridade, e não apenas na memória, mas no sangue me penetraram e se e se tornaram um mesmo com meu engenho, de tal modo que, mesmo que no futuro não mais os lesse, permaneceriam em mim, tendo lançado as raízes na parte mais íntima de minha alma, mas por vezes esqueço o autor, pois pelo longo uso e pela contínua posse quase por prescrição se tornaram como meus e assim, circundado de tão grande turba, não recorro mais de que são e se são meus ou de outros<sup>3</sup>.

Mas a imitação afirma também que sua verdadeira natureza é a independência e, se não se trata de superar, também não é seguir o mesmo caminho, o que é curioso, pois

---

<sup>2</sup> Fumaroli, M. *La querelle des Anciens et des Modernes*. Paris, Gallimard, 2001, p. 85

<sup>3</sup> “Legi semel apud Ennium, apud Plautum, apud Felicem Capellam, apud Apuleium, et legi raptim, propere, nullam nisi ut alienis in finibus moram trahens. Sic pretereunti, multa contigit ut viderem, pauca decerperem, pauciora reponerem, eaque ut comunia in aperto et in ipso, ut ita dixerim, memorie vestibulo; ita ut quotiens vel audire illa vel proferre contigerit, non mea esse confestim sciam, nec me fallat cuius sint; que ab alio scilicet, et quod vere sunt, ut aliena possideo. Legi apud Virgilium apud Flaccum apud Severinum apud Tullium; nec semel legi sed milies, nec cucurri sed incubui, et totis ingenii nisibus immoratus sum; mane comedi quod sero digererem, hausi puer quod senior ruminarem. Hec se michi tam familiariter ingessere et non modo memorie sed medullis affixa sunt unumque cum ingenio facta sunt meo, ut etsi per omnem vitam amplius non legantur, ipsa quidem hereant, actis in intima animi parte radicibus, sed interdum obliviscar auctorem, quippe qui longo usu et possessione continua quasi illa prescripserim diuque pro meis habuerim, et turba talium obsessus, nec cuius sint certe nec aliena meminerim” (Petrarca, *Familiares*, IV, pp. 105-106).

o imitador é alguém que se fundiria ao outro, mas permaneceria ele mesmo. A imitação insere o pensamento em uma tradição e o baliza. É ainda Petrarca quem escreve:

Pretendo seguir o caminho dos nossos pais, mas não repisar as pegadas alheias; pretendo servir-me de seus escritos, mas não escondido, mas pedindo-lhes e, quando posso, prefiro os meus; apraz-me a imitação, não a cópia, e uma imitação não servil, mas uma na qual resplandeça o engenho do imitador e não sua cegueira ou pequenez; e prefiro não ter um guia, se for para segui-lo em tudo. Quero um guia que me preceda, não um que me tenha acorrentado a si, mas que me deixe livre o uso dos olhos e do engenho, não me impeça de pôr o pé onde me agrada e algumas coisas deixar de lado, tentar outras inacessíveis, e que me permita seguir um caminho mais plano e me apressar, e parar, e me atrasar, e voltar atrás<sup>4</sup>.

Toda essa imagem do guia e do caminho nos distancia e mesmo nega a imagem do anão nos ombros de gigantes, os antigos vão à frente, mas os guiados não enxergam mal ou são pequenos, eles são homens tanto como seus guias.

O sentido de imitação mais próximo da ideia de progresso é quando ela passa, declaradamente ou não, à competição com os antigos e se torna emulação. A emulação não tem obrigatoriamente um sentido positivo, assim como pode significar a competição por algo digno de glória; no sentido negativo, indica a inveja. Em qualquer forma, a emulação tem o sentido imediato de superação.

Podemos ler em Vasari (*Vida dos mais excelentes arquitetos, pintores e escultores italianos*, 1550) um momento máximo da emulação, na qual está dada a superioridade em relação aos antigos e tangencia o progresso. Diz Vasari que:

aquele que entre os mortos e os vivos leva a palma, transcende e ofusca todos é o divino Michel Agnolo Buonarroti, que não só tem o principado de uma dessas artes [pintura, escultura e arquitetura], mas de todas as três juntas. Ele supera e vence não somente todos os que quase venceram a natureza, mas os mesmos

---

<sup>4</sup>“Sum quem priorum semitam, sed non semper aliena vestigia sequi iuuet; sum qui aliorum scriptis non furtim sed precario uti velim in tempore, sed dum liceat, meis malim; sum quem similitudo delectet, non identitas, et similitudo ipsa quoque non nimia, in qua sequacis lux ingenii emineat, non cecitas non paupertas; sum qui satius rear duce caruisse quam cogi per omnia duces sequi. Nolo duces qui me vinciat sed precedat; sint cum duce oculi, sit iudicium, sit libertas; non prohibear ubi velim pedem ponere et preterire aliqua et inaccessa tentare; et brevior sive ita fert animus, planior callem sequi et properare et subsistere et divertere liceat et reverti” (Petrarca, *Familiars*, IV, p. 108).

famosíssimos antigos que com tanto louvor sem nenhuma dúvida a superaram: e único com justiça triunfa sobre aqueles, estes e ela, não sendo imaginável uma coisa tão estranha e tão difícil que ele, com a virtude de seu diviníssimo engenho, mediante a indústria, o desenho, a arte o juízo e a graça, não a ultrapasse de longe<sup>5</sup>.

Michelangelo, êmulo de todos os modernos, dos antigos e da natureza, a todos vence. O sentido da emulação e da vitória é nitidamente positivo; e Vasari, de modo algum rebaixa os vencidos, ao contrário, a vitória é gloriosa porque os adversários e suas obras são dignos da disputa. Todos estão no mesmo campo de batalha ou arena (as imagens bélicas são fortes e recorrentes) e a vitória de Michelangelo não o desloca, e muito menos seus contemporâneos, deste espaço que poderíamos quase dizer atemporal da disputa promovida por Vasari entre os melhores. Isso não significa que ele não veja avanço nas artes de um modo geral. As *Vidas* são a narrativa desse melhoramento que ocorre ao longo das três idades das artes italianas que culminam em Michelangelo. Trata-se de um avanço, certamente, mas não há nenhuma lei histórica que sustente que esse melhoramento será indefinido ou mesmo continuará a acontecer, que vimos ser um dos traços constituintes do progresso, “a necessidade, determinada por alguns fatores, pela qual o gênero humano passa por diversos estágios de desenvolvimento, marcados por uma certa regularidade”<sup>6</sup>. Ao contrário, apenas o declínio é uma possibilidade imediata para Vasari, que afirma: após a terceira idade, “na qual me parece poder dizer com segurança que a arte tenha feito aquilo que a uma imitadora da natureza é licito poder fazer, e que tenha subido tão alto que é antes de se temer a queda que esperar o aumento”. O avanço é então apenas parcialmente compatível com essa concepção, pois o cume da perfeição que se alcança pouco a pouco é o limite que barra a possibilidade de pensar a indefinição do progresso. Entretanto, é possível fazer aproximações com a perspectiva de Voltaire, que concebe períodos de apogeu do espírito humano e retornos periódicos

---

<sup>5</sup> “Ma quello che fra i morti e vivi porta la palma e trascende e ricuopre tutti è il divino Michel Agnolo Buonarroti il qual non solo tien il principato di una di queste arti, ma di tutte tre insieme. Costui supera e vince non solamente tutti costoro, che hanno quasi che vinto già la natura, ma quelli stessi famosissimi antichi, che sí lodatamente fuor d'ogni dubbio la superarono: et unico giustamente si trionfa di quegli, di questi e di lei, non imaginandosi appena quella cosa alcuna sí strana e tanto difficile, che egli con la virtù del divinissimo ingegno suo, mediante la industria, il disegno, l'arte, il giudizio e la grazia, di gran lunga non la trapassi”. (Vasari, *Le vite de' più eccellenti pittori, scultori, e architettori*, Libro III, Proemio)

<sup>6</sup> SOUZA, Maria das Graças, *Ilustração e História, o pensamento sobre a história no iluminismo francês*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001, p. 27.

de épocas de perfeição<sup>7</sup>, ainda que de modo algum seja compatível com a ideia de uma perfectibilidade indefinida de Condorcet.

Outro dos caminhos ao qual nos pode levar essa reflexão – sobre a imitação, a emulação, a reflexão sobre a relação entre antigos e modernos e mesmo a ideia de avanço, se não de progresso – é o caminho que passa por essas noções nos escritos de Maquiavel, nos quais, adianta-se, a perfeição é representada por Roma e a imitação deste modelo poderia garantir um novo momento de avanço. Caminho, agora, no campo do político, em que posso pisar com um pouco mais de firmeza em meio a essa multiplicidade de sentidos e campos de investigação vislumbrados.

Uma das passagens mais conhecidas do *Príncipe*, do capítulo 6, nos dá uma imagem bastante tradicional da imitação, o imitador (homem prudente) se coloca em uma posição inferior em relação ao imitado (homem grande ou excelente), sem aspirar alcançar a altura do imitado em *virtù* ou nos feitos. Sem ser a mesma, a imagem remete àquela dos anões em ombros de gigantes, e ainda mais forte, pois não há a expectativa de alcançar mais longe. Trata-se da imagem do arqueiro que segue seu modelo, cômico de sua distância em relação a ele. A imitação é, nesse caso, a elevação da expectativa, mas não a esperança da grandeza<sup>8</sup>. O capítulo encerra com o exemplo de Hierão que, com relação a Moises, Romulo, Ciro e Teseu, é um exemplo menor, mas com alguma proporção em relação a eles. Ou seja, um homem de certo modo normal, mas cuja distância com relação aos exemplos grandiosos não é desmedida<sup>9</sup>.

Um pouco adiante, no capítulo 14, a imagem do imitado se modifica. A imitação não é mais um modo de agir prudente do pequeno com relação ao grande, mas é

---

<sup>7</sup> Idem, p. 111.

<sup>8</sup> “Que ninguém se espante se, ao falar dos principados inteiramente novos, de príncipes e de estados, eu recorrer a exemplos elevados. Pois, como os homens sempre trilham caminhos percorridos por outros, procedem em suas ações com imitações mas não são capazes de manter totalmente os caminhos dos outros nem de alcançar a *virtù* daqueles que imita, um homem prudente deve sempre começar por caminhos percorridos por homens grandes e imitar os que foram excelentes. Assim, mesmo que não alcance sua *virtù*, pelo menos mostrará algum indício dela, fazendo como os arqueiros prudentes que, julgando muito distantes os alvos que pretendem atingir e conhecendo até onde chega a *virtù* de seu arco, orientam a mira para bem mais alto que o lugar destinado, não para alcançar com sua flecha tamanha altura, mas para poder, por meio de mira tão elevada, chegar ao objetivo” (*O Príncipe*, cap. 6).

<sup>9</sup> “A tão elevados exemplos, quero acrescentar outro menor, mas que tem certa relação com eles e creio ser suficiente para representar todos os outros semelhantes: é o de Hierão, que, de homem privado tornou-se príncipe de Siracusa. Também ele nada recebeu da fortuna senão a ocasião. Quando estavam os siracusanos oprimidos, escolheram-no para capitão, e a partir daí mereceu tornar-se seu príncipe. Foi de tamanha *virtù*, mesmo quando em privada fortuna, que quem sobre ele escreveu diz: “Quod nihil illi deerat ad regnandum praeter regnum.” Hierão extinguiu a milícia antiga e ordenou uma nova, deixou as amizades antigas e contraiu novas, e assim que teve seus próprios amigos e soldados pôde construir, sobre esse fundamento, todo um edifício. Assim, teve muito trabalho para conquistá-lo, mas pouco para mantê-lo”(idem, *ibidem*).

preconizada mesmo para os homens grandes. Assim, como fora apontado por Petrarca, os imitados não são necessariamente maiores que os imitadores, Maquiavel mostra os grandes homens imitando outros grandes homens:

Quanto ao exercício da mente, deve o príncipe ler as histórias e nelas considerar as ações dos homens excelentes, ver como se comportaram nas guerras, examinar as causas das vitórias e das derrotas a fim de poder escapar destas e imitar aquelas. Mas, sobretudo, deve agir como antes agiram alguns homens excelentes que se puseram a imitar alguém que, antes deles, fora louvado e glorificado, e cujos gestos e ações sempre procurara ter em mente. É o caso de Alexandre Magno, que imitava Aquiles, de César, que imitava Alexandre, e de Cipião, que imitava Ciro. Quem ler a vida de Ciro, escrita por Xenofonte, reconhecerá depois, na vida de Cipião, quanto este deveu de sua glória àquela imitação e em quanto, em sua castidade, afabilidade, humanidade e liberalidade, Cipião estava em conformidade com o que Xenofonte escrevera sobre Ciro<sup>10</sup>.

No capítulo 18, Maquiavel acrescenta mais um dado sobre a imitação que nos afasta da concepção de um modelo de grandeza ou excelência absoluto, introduzindo no cálculo da escolha deste modelo a consideração das circunstâncias relativas às ações dignas de admiração e, por outro lado, a avaliação das próprias possibilidades. Deste modo, nem toda imitação é boa ou possível. Portanto:

para Pertinax e Alexandre, sendo príncipes novos, foi inútil e danoso querer imitar Marco, que estava no principado *jure hereditario*; da mesma forma, por que a Caracala, Cômodo e Maximino foi pernicioso imitarem Severo, por não terem virtù suficiente para seguir suas pegadas. Portanto, um príncipe novo, em um principado novo, não pode imitar as ações de Marco, nem lhe é necessário seguir as de Severo, mas deve tomar de Severo aqueles aspectos que lhe sejam necessários para fundar seu estado e de Marco os que forem convenientes e gloriosos para conservar um estado que já esteja estabilizado e firme<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> *O Príncipe*, cap. 14.

<sup>11</sup> *Idem*, cap. 18.

Nesta passagem já está presente o elemento histórico, que reaparece no capítulo 26 na figura da ocasião, e se antes a ocasião e o homem se uniam na execução de um grande feito, aqui a ocasião é mais importante que o homem:

Não há, atualmente, ninguém de que a Itália possa esperar mais do que de vossa ilustre Casa que, com sua fortuna e virtù, foi eleita por Deus e pela Igreja – da qual é então príncipe – para se tornar o chefe dessa redenção. O que não será muito difícil, se contemplardes as ações e a vida dos nomes acima citados. Ainda que tenham sido homens raros e maravilhosos, foram homens, e nenhum deles encontrou ocasião melhor do que a presente, pois sua empresa não foi mais justa nem mais fácil do que esta, nem foi Deus mais seu amigo do que vosso<sup>12</sup>.

Em que pese o elogio e o tom elevado, vemos os mesmos elementos antes propostos: a contemplação das ações dos grandes homens como motivador do grande feito e, em seguida, é delicadamente posto que, diferentemente deles, os Medici não são nem raros nem maravilhosos, mas apenas homens, entretanto o que pesa é a facilidade do feito, isto é, os tempos propícios.

Nos *Discorsi*, temos no proêmio do Livro II a própria querela entre antigos e modernos de Maquiavel que, por si só, já seria suficiente para discutir o tema, mas da qual vou extrair apenas algumas ideias.

A primeira é que, de certo modo contradizendo o que ele disse há pouco, no capítulo 14, isto é, que devemos imitar os homens que foram louvados e glorificados, o louvor do passado nem sempre é razoável, pois a estima do passado pode ser uma falsa opinião<sup>13</sup>, fundada tanto na distorção que os escritores das histórias imprimem às coisas antigas, por magnificá-las e ampliá-las. Especificamente ao que é pertinente à vida e

---

<sup>12</sup> *Idem*, cap. 26.

<sup>13</sup> Os homens sempre louvam – mas nem sempre com razão – os tempos antigos e reprovam os atuais: e de tal modo estimam as coisas passadas, que não só celebram as eras que conheceram graças à memória que delas deixaram os escritores, como também aquelas de que os velhos se recordam por as terem visto durante a juventude. E, quando tal opinião é falsa, como no mais das vezes o é, persuado-me de que são várias as razões que os levam a tal engano. E a primeira razão, creio eu, está em que nunca se conhece toda verdade das coisas antigas, visto que, no mais das vezes, se escondem as coisas que infamariam aqueles tempos, magnificando-se e ampliando-se as outras coisas que podem glorificá-los. Porque a maioria dos escritores se atêm de tal modo à fortuna dos vencedores que, para tornarem gloriosas as suas vitórias, não só aumentam aquilo que virtuosamente fizeram, como também magnificam as ações dos inimigos de tal modo que quem nascer depois em qualquer das duas províncias, na vitoriosa ou na vencida, terá razão para admirar-se daqueles homens e daqueles tempos, havendo de, forçosamente, louvá-los e amá-los (*Discorsi*, II, Proêmio).



costumes dos homens, a distância do olhar e do toque impedem o bom julgamento, podendo provocar também uma glória indevida<sup>14</sup>.

O louvor ou a reprovação dos tempos pode ser verdadeiro ou falso, e ele afasta a estabilidade de um passado sempre glorioso ou de um presente sempre vergonhoso, o que, em resumo, significa que a querela dos antigos e dos modernos é como que uma falsa questão, pois a excelência que se revela no tempo é móvel e depende da perspectiva e do lugar do juiz:

Repito, portanto: é verdade que se tem o costume do louvar e reprovar, mas nem sempre é verdade que erra quem o faz. Porque às vezes é mister que o julgamento dos homens seja verdadeiro; pois, como estão sempre em movimento, as coisas humanas ora sobem, ora descem. E uma cidade ou uma província que é ordenada para a vida política por algum homem excelente, graças à virtú de tal ordenador, durante certo tempo cresce e caminha sempre para o melhor<sup>15</sup>. Quem nascer então em tal estado e louvar mais os tempos antigos que os modernos se enganará; e seu engano será causado por aquelas coisas de que acima falamos. Mas não se enganarão nisso os que nascerem depois, naquela cidade ou naquela província, quando tiver chegado o tempo do seu declínio para os tempos mais desfavoráveis<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> Além disso, os homens odeiam as coisas por temor ou por inveja e nas coisas passadas estão extintas essas duas poderosíssimas razões do ódio, visto que elas não podem ofender e não dão motivos de inveja. Mas o contrário ocorre com as coisas que se tocam e se vêem, pois, pelo conhecimento total que delas se tem, por não haver nada que nelas esteja oculto, por se conhecer nelas, além do que é bom, muitas outras coisas que desagradam, é mister que elas sejam julgadas muito inferiores às antigas, ainda que, na verdade, as coisas presentes merecessem muito mais glória e fama que as antigas; não nos referimos com isso às coisas pertinentes às artes, que têm tanta clareza em si, que pouca é a glória que o tempo lhes pode dar ou tirar, além da glória que por si mesmas merecem, mas sim às coisas pertinentes à vida e aos costumes dos homens, das quais não se têm testemunhos tão claros (*idem, ibidem*).

<sup>15</sup> Há aqui também a ideia de um progresso limitado, que vimos em Vasari.

<sup>16</sup> E, pensando no modo como tais coisas acontecem, concludo que o mundo sempre foi de um mesmo modo, que nele sempre houve o bom e o mau, mas que há variações entre este mau e este bom, de uma província para outra, conforme se vê pelo conhecimento que temos dos reinos antigos, que variaram de um para o outro de acordo com a variação dos costumes, embora o mundo permanecesse sempre o mesmo. Só havia uma diferença: depois de colocar a sua virtú na Assíria, ele a colocou na Média, depois na Pérsia, até chegar à Itália e a Roma; e se, depois do Império Romano, não se seguiu nenhum Império que tenha durado e onde o mundo tenha acumulado toda a sua virtú, pode-se, contudo, ver que ela se espalhou por muitas nações onde se vivia virtuosamente, tais como o reino dos francos, o reino dos turcos, o do sultão do Egito e, hoje, os povos da Alemanha; e, antes disso, a seita sarracena, que fez tão grandes coisas e se espalhou pelo mundo depois de destruir o Império Romano do Oriente. Portanto, depois que os romanos se arruinaram, houve em todas essas províncias e em todas essas seitas – e ainda há em algumas delas – a virtú que se deseja e que se louva com justo louvor [vera laude]. E quem nascesse em tais lugares e louvasse os tempos passados mais que os presentes poder-se-ia enganar; mas quem nasce na Itália e na Grécia, não sendo ultramontano na Itália nem turco na Grécia, tem razão para reprovar os tempos em que vive e louvar os passados: porque muitas coisas tornam aqueles tempos admiráveis, e nestes não há coisa alguma que compense a extrema miséria, a infâmia e o vitupério: pois não há observância de religião, das leis, nem da

O juízo dos homens que julgam os tempos e buscam determinar se são melhores as coisas antigas ou as presentes é corrompido pela própria mudança de seus desejos, predileções e considerações da juventude para a velhice:

Porque, se à medida que os homens envelhecem lhes mingam as forças e crescem-lhes o juízo e a prudência, é inevitável que as coisas que na juventude lhes pareciam suportáveis e boas acabem por mostrar-se insuportáveis e ruins à medida que envelhecem; e, em vez de acusarem seu modo de julgar, acusam os tempos<sup>17</sup>.

E aqui temos uma mudança de perspectiva. O problema não é o antigo e o moderno, mas o desejo dos homens no julgamento dos tempos; como sempre em Maquiavel, a chave está na compreensão do desejo dos homens. E este desejo é menos um fator do elogio do passado do que da condenação do presente. Do mesmo modo que ele explica o louvor aos tempos antigos, ele poderia justificar o anseio pelo progresso:

Além disso, visto que os apetites humanos são insaciáveis, porque, tendo os homens sido dotados pela natureza do poder e da vontade de desejar todas as coisas e pela fortuna de poder conseguir poucas, o resultado é o contínuo descontentamento nas mentes humanas e o fastio das coisas possuídas: o que leva a condenar os tempos presentes, a louvar os tempos passados e a desejar os tempos futuros, mesmo que a isso não sejam movidos por nenhum motivo razoável.

Maquiavel, neste ponto, retorna ao seu objeto, o discurso sobre as histórias romanas e ao seu louvor [*Não sei, portanto, se merecerei ser arrolado entre os que se enganam, se nestas minhas considerações estarei louvando em demasia os tempos dos antigos romanos e condenando os nossos*<sup>18</sup>], incitando os jovens a fugir dos vícios, imitar o passado segundo a ocasião. Parece então retroceder em relação ao que foi afirmado antes, pois, poucas linhas antes, ele escrevera que as obras de arte “têm tanta clareza em si, que pouca é a glória que o tempo lhes pode dar ou tirar, além da glória que por si mesmas merecem”, diferentemente das “coisas pertinentes à vida e aos costumes dos homens, das quais não se têm testemunhos

---

milícia, e tudo está maculado por todo tipo de imundícia. E tais vícios são ainda mais detestáveis porque presentes naqueles que tomam assento em tribunais, comandam a todos e querem ser adorados (*Discorsi*, II, Proêmio).

<sup>17</sup> *Idem, ibid.*

<sup>18</sup> *Idem, ibid.*

tão claros”. Mas, agora, ele afirma que “a *virtù* que então reinava e o vício que agora reina” são “mais claros que o sol”<sup>19</sup>.

A quebra, entretanto, foi feita, os modernos não são anões em ombros de gigantes, pois não existem anões ou gigantes, mas apenas os homens e suas circunstâncias. Da correta compreensão das histórias (e não da simples admiração pela excelência de um homem), provém a possibilidade da imitação, pois a esta leitura correta indica também a proporção entre todos os elementos da realidade ontem e hoje. Sem isso, a leitura das histórias é inútil, além do prazer que causam, pois a imitação, sua verdadeira utilidade, é interdita para esses maus leitores pela consideração de que “a imitação não só difícil como também impossível; como se o céu, o sol, os elementos, os homens tivessem mudado de movimento, ordem e poder, distinguindo-se do que eram antigamente”<sup>20</sup>. Para Maquiavel, a imitação é sempre possível, resguardadas as condições e a capacidade do imitador, pois a imitação não visa um modelo inalcançável, mas ações possíveis. As coisas do mundo, na forma dos relatos dos escritores, testemunham estas possibilidades, ainda que sejam engrandecidas por eles – e a amplificação é um fator a ser levado em conta, para compreender que essas ações são possíveis. Além disso, a imitação, no caso das coisas humanas e políticas, é um ato não apenas individual, as repúblicas e os reinos podem imitar as práticas civis e militares das antigas. E, de fato, importa muito menos a excelência de um homem em tempos de declínio que a *virtù*, individual e coletiva, em tempos de crescimento.

---

<sup>19</sup> Não sei, portanto, se merecerei ser arrolado entre os que se enganam, se nestas minhas considerações estarei louvando em demasia os tempos dos antigos romanos e condenando os nossos. E, realmente, se a *virtù* que então reinava e o vício que agora reina não fossem mais claros que o sol, eu seria mais contido no que digo, evitando incorrer no erro de que acuso alguns. Mas, sendo a coisa tão manifesta, que qualquer um pode vê-la, serei ousado e direi manifestamente tudo o que pensar sobre aqueles tempos e estes, para que os ânimos dos jovens que lerem estes meus escritos possam fugir a estes tempos e preparar-se para imitar aqueles, sempre que a fortuna lhes der a ocasião. Porque é dever do homem bom ensinar aos outros o bem que a malignidade dos tempos e da fortuna não lhe permitiu realizar, a fim de que, sendo muitos os conhecedores, algum destes, mais amado pelo Céu, possa realizá-lo. E, depois de falarmos, no livro anterior, das deliberações tomadas pelos romanos no que se refere à vida interna da cidade, neste falaremos de suas deliberações referentes ao aumento de seu império.

<sup>20</sup> No entanto, na ordenação das repúblicas, na manutenção dos estados, no governo dos reinos, na ordenação das milícias, na condução da guerra, no julgamento dos súditos, na ampliação dos impérios, não se vê príncipe ou república que recorra aos exemplos dos antigos. E creio que isso provém não tanto da fraqueza à qual a atual religião conduziu o mundo, ou do mal que um ambicioso ócio fez a muitas regiões e cidades cristãs, quanto do fato de não haver verdadeiro conhecimento das histórias, de não se extrair de sua leitura o sentido, de não se sentir nelas o sabor que têm. Motivo por que infinitas pessoas que as lêem sentem prazer em ouvir a grande variedade de acontecimentos que elas contêm, mas não pensam em imitá-las, considerando a imitação não só difícil como também impossível; como se o céu, o sol, os elementos, os homens tivessem mudado de movimento, ordem e poder, distinguindo-se do que eram antigamente (*idem, ibid.*).

Ainda que o progresso não esteja dado em Maquiavel, se pensarmos em termos de progresso das ideias, temos que uma das condições para pensar a ideia de avanço depende da concepção da igualdade entre os homens. Ela só pode germinar a partir do momento em que existe, no mínimo, um sentimento de igualdade entre nós e os que nos precederam, o que de modo algum é incompatível com a o estímulo à imitação. Por outro lado, sobretudo do ponto de vista político e militar, a Itália suporta o peso de Roma, pelo que não deve ser espantoso que a emulação, ou mesmo a imitação, e, por que não dizer, o progresso, sejam ali alvos tão elevados.

### ***Bibliografia***

CURTIUS, E. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Hucitec: Edusp, 1996.

FUMAROLI, M. *La querelle des Anciens et des Modernes*. Paris: Gallimard, 2001.

MAQUIAVEL, N. *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.

PETRARCA. *Familiars*. Epistole a Giovanni Boccaccio - ottobre 1359 e 28 ottobre 1365: XXII 2 e XXIII 19.

SOUZA, Maria das Graças, *Ilustração e História, o pensamento sobre a história no iluminismo francês*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

VASARI, *Le vite de' più eccellenti pittori, scultori, e architettori*. Nelle edizione per i tipi do Lorenzo Torrentino, Firenze, 1550. Giulio Einaudi Editore. Torino, 1986 (in <http://liberliber.it>).